

## **O SÉCULO XXI: NOVOS COTIDIANOS SOCIAIS E O IMPACTO NOS ESPAÇOS DE ENSINO**

Andréia Novais Dias; Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvia Soler Bianchi

Andréia Novais Dias [ideianovais@yahoo.com.br](mailto:ideianovais@yahoo.com.br) Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvia Soler Bianchi

[silvia.bianchi@mackenzie.br](mailto:silvia.bianchi@mackenzie.br) Universidade Presbiteriana Mackenzie

DIAS, Andréia N.; BIANCHI, Silvia S.

**Universidade Presbiteriana Mackenzie**

### **RESUMO**

O artigo analisa o impacto das novas tecnologias e da internet na educação, destaca desafios para alunos e professores na contemporaneidade. Aborda a escola como um local que deve equilibrar a inovação tecnológica com o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes. Com base em autores como Morin, Bauman e Chul Han, são levantadas questões como alienação digital, sociedade do espetáculo e imediatismo na aprendizagem. O estudo realizado em uma escola pública de São Paulo, investiga como a tecnologia interfere no comportamento e desempenho dos alunos. A necessidade de reformular o ensino é discutida no texto e prioriza o pensamento crítico, a interdisciplinaridade e a interação humana. A escola deve ser um espaço de trocas significativas, combatendo a superficialidade das relações digitais. O ensino deve ir além da transmissão de conteúdos, estimulando autonomia e reflexão. A inovação educacional é essencial para formar indivíduos críticos e conscientes no mundo tecnológico atual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Tecnologia; Individualismo; Docência na Contemporaneidade

### **INTRODUÇÃO**

Nos últimos cem anos, a humanidade passou por grandes transformações, principalmente na virada do século XX para o XXI. Tendo a internet sido como uma mola propulsora com sua disseminação rápida trazendo mudanças significativas para o mundo e encurtando distâncias, não apenas geográficas, como de tempo e diferenças culturais, atribuíram-se ao cotidiano um número excessivo de informações, nem sempre relevantes ou verdadeiras, e na maioria das vezes convertidas em tarefas e obrigações.

As mudanças sociais possuem um efeito direto sobre os educandos, é preciso compreender e criar formas de lidar com as dissonâncias entre a escola e os novos contextos sociais.

Não há como retroceder nesses avanços, são irreversíveis, estão inculcados nas novas formas de fazer e de viver a vida, porém torna-se essencial refletirmos sobre seus impactos em nosso meio, nas relações interpessoais e em nossa própria autonomia como indivíduo.

Trazer luz às reflexões sobre o uso que fazemos dessas informações permeia os campos da filosofia, sociologia e pedagogia, e está sendo amplamente debatido por diversos autores. No entanto, o conhecimento produzido no meio acadêmico precisa se expandir para um debate social mais amplo, promovendo até mesmo um despertar coletivo diante desse mundo tecnológico. A situação se torna ainda mais complexa quando consideramos crianças e adolescentes, que ainda estão em processo de desenvolvimento e necessitam de mecanismos mais estruturados de autocontrole e de uma reflexão crítica sobre como fazer. O cérebro do adolescente ainda não possui o amadurecimento para a ponderação, antes da tomada de decisão.

Justifica-se o presente estudo como uma necessidade urgente de repensar o papel da escola na atualidade, que enfrenta rápidas mudanças sociais em função das dinâmicas tecnológicas. Mais do que simplesmente incorporar as novas tecnologias ao ambiente escolar, é fundamental encontrar um equilíbrio que permita aos alunos desenvolverem habilidades cognitivas e emocionais essenciais para a vida em sociedade. Dessa forma, busca-se compreender o aluno contemporâneo diante do excesso de estímulos e da cultura do descartável, e analisar o papel do professor nesse novo cenário. Pretende-se analisar como esses processos tecnológicos e as novas demandas sociais interferem no comportamento e desempenho dos alunos. É necessário investigar de que forma a escola, currículo e docência podem se adaptar a essas transformações para aprimorar o cotidiano escolar.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa é de origem qualitativa, com estudo e embasamento em autores nas áreas das ciências humanas, os quais vêm destacando as alterações aceleradas que a tecnologia traz como impacto em nosso cotidiano. A observação foi feita em uma escola pública de São Paulo, com alunos do ciclo do Ensino Fundamental II. A abordagem explicativa sobre o tema tem como amparo a filosofia, a sociologia e a educação, e promove o debate para as novas práticas e estratégias pedagógicas.

## DESENVOLVIMENTO, FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, RESULTADOS E DISCUSSÕES

No século XIX, com a Revolução Industrial, a sociedade passou por mudanças significativas que transformaram a maneira como os indivíduos viviam e se relacionavam. Essas transformações foram tão profundas que deram origem a um novo campo de estudo dentro das ciências humanas: a sociologia. Agora, de forma mais recente, no século XX, o avanço tecnológico moldou um novo estilo de vida, trabalho e aprendizado. Com a consolidação do modelo econômico capitalista, surgiu a ideia do consumo como elemento central da sociedade. Se na Idade Moderna com as Grandes Navegações, o homem desbravou os oceanos, no século passado o ser humano desenvolveu a capacidade de voar, chegou ao espaço, pisou na lua, o aperfeiçoamento das telecomunicações reduziu distâncias, e o que antes parecia inacessível passou a estar ao alcance de todos com a chegada da internet e das redes de mídia sociais. A globalização se tornou inevitável, não apenas na esfera econômica (como já vinha acontecendo) mas agora na esfera social, facilitando o acesso ao conhecimento por um lado e promovendo a assimilação cultural por outro, esse fenômeno não apenas unificou ou aproximou culturas, mas também desencadeou processos de aculturação e homogeneização de grupos. É por esse meio que se difunde cada vez mais os grupos extremistas como direita ou esquerda, contra ou a favor, os extremos não permitem o diálogo, e só aceitam os seus pares.

Não se trata de rejeitar ou proibir as tecnologias, pois elas já fazem parte do cotidiano global, sendo essenciais para inúmeros serviços e para a qualidade de vida. No entanto, essas ofertas de bem-estar que permitem prolongar a vida não significam necessariamente dar a ela um propósito. A consequência para o meio ambiente, como resultado das novas tecnologias é inegável: elas consomem recursos naturais de forma descontrolada e geram poluição. Além disso, a grande quantidade de informações disponíveis muitas vezes não acrescenta valor, mas entorpece e fragmenta a percepção da realidade, impedindo o ócio criativo, que foi tão valorizado no final do século XX (DEMASI, 1995).

As escolas incorporam diversos recursos tecnológicos para reforçar conhecimentos, mas será que essas ferramentas estão adequadas às necessidades dos alunos de hoje? Se as interações sociais mudaram, não deveriam mudar também as habilidades necessárias para atuar na sociedade contemporânea? Uma instituição dedicada ao ensino deve, antes de tudo, compreender o que é o conhecimento humano e o que significa aprender a conhecer. O indivíduo não é apenas um ser isolado, mas um membro de uma sociedade e representante de uma espécie que é a humana. O conhecimento, portanto, é intrínseco a essa condição de humanidade (MORIN, 2014). Diante disso, surge uma questão fundamental: quem é o humano hoje e o que significa pertencer à essa espécie?

O ser humano se reconhece por meio da cultura, estabelecendo sua identidade por meio das relações com os outros (MORIN, 2014). Antes da internet, a televisão já exercia um papel de influência, promovendo o consumo de imagens e alterando a realidade privada das famílias. Com o tempo e a democratização da tecnologia, a ideologia passou a ser veiculada por meio do espetáculo (DEBORD, 1997).

Edgar Morin, em *Os Sete Saberes* (2014), destaca que “somos originários do cosmos, da natureza, da vida, mas, devido à própria humanidade, à nossa cultura, à nossa mente, à nossa consciência, tornamo-nos estranhos a este cosmos, que nos parece secretamente íntimo” (MORIN, 2014, p. 51). O ser humano tem uma necessidade fisiológica de interação com a natureza, como a sensação de bem-estar ao caminhar à beira-mar (MYERS, 2020). No entanto, o volume de estímulos tecnológicos desvia o olhar da contemplação e reduz a apreciação desses pequenos prazeres.

Hoje, as pessoas não acreditam possuírem tempo para momentos de relaxamento ou contemplação, numa fração de instante que temos disponível, pegamos o celular, e ficamos diante de imagens e informações, não há o proveito desse intervalo, já não olhamos para o outro, porque estamos sempre focados em nós mesmos, já que os algoritmos nos conhecem e enviam mensagens que vão de encontro às nossas características de personalidade e interesses pessoais. Focados então, sempre naquilo que somos, como compreender e aceitar a existência do Outro?

As convicções e crenças exercem uma forte influência sobre a consciência coletiva, seja na forma de dogmas ou tabus. Para combater ideias, é necessário apresentar novas ideias (MORIN, 2014). O processo criativo deve ser valorizado, e não apenas a racionalidade. Mas como estimular a criação e a autoria se tudo nos chega pronto, entregue automaticamente pela inteligência artificial? As imagens são pesquisadas e aparecem disponíveis na tela, o processo criativo se compromete, como estimular o aluno a criar mais e digitar menos?

A condição humana deve ser o conhecimento primordial dentro da educação, permitindo que se aprendam as lições dos erros cometidos, especialmente no século XX, quando as pessoas esqueceram que, apesar das diferenças culturais, todos pertencem à mesma espécie. “*Homo complexus*. Somos seres infantis, neuróticos, delirantes e racionais. Tudo isso constitui o estofamento propriamente humano” (MORIN, 2014, p. 59). Muitas vezes, agimos de forma automática e repetimos erros comuns, o que deu origem à conhecida expressão: “Errar é humano”, aprender também faz parte das nossas capacidades, é o espanto do homem diante das coisas que o fez progredir, porque assim ele intui sobre o que é, ou como pode ser, as tecnologias se originam de

necessidades, de condições sociais, mas principalmente da curiosidade do ser, que o desperta para determinadas coisas, que o perturbam e fazem com que ele busque o conhecimento sobre aquilo.

Se a sociedade do espetáculo se manifesta principalmente por meio de imagens, como dito anteriormente, já não estão mais confinadas a sala de estar das famílias, elas invadem todos os espaços, incluindo as escolas. O particular invade a escola, o tempo da escola era só dela, hoje, compete com todo o mundo que cabe na palma da mão e todo aluno leva no bolso. Se para Debord o uso da televisão contribuiu para manipulação de ideologias e ideias de consumismo, destacando aqui que para seu uso, normalmente todo o núcleo familiar se reunia em volta dela, atualmente, a internet e o uso de computadores pessoais e *smartphones* mantém os indivíduos em situação de isolamento, tudo contribui para o individualismo, as trocas diminuem, as pessoas se comunicam predominantemente por símbolos. O uso de emojis, por exemplo, expressa opiniões sobre quase tudo o que se vê na internet, sem que haja reflexão ou argumentação. Se torna fácil por ser automático 'clique' em um símbolo, que aparentemente expressa uma opinião, mas na verdade, não houve elaboração ou um raciocínio claro sobre aquele tema.

A validação social acontece por meio de curtidas e reações rápidas, e a ausência dessas interações pode gerar frustração e até depressão em alguns indivíduos. O individualismo traz um empoderamento para a pessoa, junto com a ausência de compaixão pelo outro, assim, se torna fácil digitar palavras de ódio ou desprezo por alguém, utilizando-se para isso do anonimato ou da distância física como um escudo de defesa pessoal. Mas o veneno virtual produzido pelos chamados '*haters*' atinge suas vítimas de forma real. Hoje, o bullying cometido nas escolas, já existe no formato virtual, tudo se digitaliza, mas a dor psicológica que se infringe ao outro, não é passível de ser resolvida com a mesma simplicidade com que se insere o discurso de ódio, os transtornos psicológicos causados a pessoa levam um longo tempo de cura, diferente do efêmero instante em que se digitou uma mensagem preconceituosa e violenta.

Segundo Pinker, o processo civilizatório ao longo dos séculos introduziu uma ação social menos violenta nas relações entre as pessoas, entretanto, ela pode apenas ter mudado de formato (PINKER, 2013). A violência se mostra de muitas formas, diferente das espadas e duelos, ou grandes guerras, uma delas são as redes sociais e os discursos de ódio, a outra é a forma como se bloqueia aquele e aquilo que não agrada, mantendo a pessoa numa situação de ostracismo, um isolamento social, que produz no indivíduo o acionamento da mesma região no cérebro responsável pela dor física.

Diante disso, como um aluno que está acostumado a se comunicar com *emojis*, *GIFs* e figurinhas pode desenvolver a habilidade de produzir textos críticos e autorais? Como o professor pode expandir o vocabulário dos estudantes e estimular a argumentação se tudo se resume a “curtir” ou “não curtir”? Esse mesmo aluno, após refletir sobre um conteúdo, manteria a avaliação que fez automaticamente? O clique é instantâneo, a reflexão sobre algo exige mais tempo, pede uma intuição e uma racionalização sobre a situação, possíveis problemas e prováveis soluções. Não podemos ter uma opinião sem refletir. Os debates em sala de aula, provocam não apenas o pensamento, mas promove uma elaboração acerca dos problemas, garante ouvir a opinião do outro sobre o mesmo assunto, que com muita sorte, será um ponto de vista diverso, o que acrescenta novos pensamentos e trocas de perspectivas, que quando bem conduzidos pelo professor, pode levar a resultados inovadores e com potencial de transformação para além da sala de aula.

Tanto a cognição quanto o aprendizado, que permitem o desenvolvimento da pessoa, vêm principalmente das interações com o Outro, quando se descobrem as diferenças que existem entre a própria cultura e a dos outros grupos, por isso, as trocas são tão importantes, e o estímulo aos debates uma ferramenta que tanto instiga o aluno a desenvolver o seu pensamento próprio, como ouvir o pensamento do outro, e para isso, não há a necessidade do uso de celulares em sala de aula. É na escola e no jogo com o Outro que o pensamento abstrato é construído, segundo Piaget (LA TAILLE, 2019).

Embora as novas tecnologias tenham permitido a comunicação instantânea em todo o mundo, conflitos, guerras e intolerância ainda persistem. A solidariedade e o respeito à diversidade continuam sendo desafios para a sociedade. A educação, portanto, deve abordar o desenvolvimento da empatia e da compreensão (SEVCENKO, 2001). Antes de “curtir” ou rejeitar uma ideia, antes de disseminar um comentário negativo, é essencial ensinar aos alunos a se colocarem no lugar do outro.

Baumann alerta para a estrutura da sociedade pós-moderna, que se organizou em torno do individualismo, do consumismo e da ostentação (BAUMAN, 2001). Se Shakespeare, em *Hamlet*, questionava “Ser ou não ser, eis a questão”, no mundo contemporâneo, essa pergunta poderia ser reformulada para “Ser ou ter, eis a questão” (CHUL HAN, 2015). Hoje, os indivíduos são julgados pelo que possuem e pelo que podem comprar. Na busca por aceitação, muitas vezes se perde a própria identidade. O desejo de atender às expectativas externas leva à anulação do Eu, ao esquecimento do Outro e a uma submissão às exigências sociais.

O conceito de modernidade líquida de Baumann (2001) encontra ecos nas reflexões de Freud (1996), que descreveu o sofrimento psíquico gerado pela necessidade de se adequar aos padrões impostos pela sociedade. Baumann acrescenta que o mal-estar atual está relacionado à cultura do consumo, potencializada pelas tecnologias digitais. Se antes, era necessário sair de casa para comprar algo, hoje tudo está a um clique de distância. Muitas vezes, a compra é feita impulsivamente, apenas para preencher um vazio existencial que, no fim, continua presente, o prazer tem a durabilidade do instante da compra.

Freud apontava o recalque dos impulsos e desejos pelas regras sociais, crenças, costumes e leis, como causa para transtornos psicológicos. Hoje, os desejos são constantemente estimulados pelos meios eletrônicos. A lógica do consumo não está relacionada à necessidade, mas ao desejo imediato e à valorização do status. Mesmo que um celular esteja em perfeitas condições de uso, é criada a urgência de adquirir um modelo mais recente para reforçar a identidade e o sucesso pessoal. Há um sofrimento psicológico imposto pelo desejo de consumo, este, quando satisfeito, logo dará lugar a outro desejo, posto que são apresentados objetos carregados de significados e garantidores de status e bem-estar, na sociedade do consumo, o homem acredita que o melhor desempenho é daquele que pode consumir, sem perceber o quanto este pensamento o consome. Como provocar no aluno uma reação a todas as propagandas e incentivos a compra de produtos, e, ultimamente a compra de ideologias?

A sociedade líquida se adapta e se move de um meio para outro com facilidade, sem apegos. O *Outro* perde seu valor, enquanto o *Eu* avança sobre qualquer espaço que lhe seja conveniente. Cada vez mais individualistas, nos tornamos menos conscientes de nós mesmos e mais preocupados com a visão que os outros têm de nós, nos adaptamos ao julgamento pelo que possuímos, e não pelo que somos. Em observação em sala de aula, o uso de celulares pelos meninos é maior para jogos, as meninas utilizam mais como 'espelho', referências de imagens ou para tirar fotos. Os primeiros encontram no jogo mecânico e virtual uma fuga da realidade, o segundo caso, responde sobre os problemas de imagem cada vez mais tão comuns entre jovens e adolescentes. Alguns, mesmo antes da proibição do uso nas escolas, já mantinham de forma voluntária o telefone celular em uma caixa na mesa do professor.

Diante desse cenário, qual é o papel da educação? Segundo Paulo Freire (2007), a educação é um processo que traz ao indivíduo a consciência de si, do Outro e da coletividade. É por meio do conhecimento que ele se torna capaz de agir no mundo, e, por isso, a educação deve ser vista como uma prática de liberdade. Como ser livre, quando estamos presos às redes sociais, às ideologias, ao imediatismo, ao que o outro pensa?

Se antes Freire defendia que a escola não deveria ter muros, pois deveria estar inserida na comunidade e compreender a realidade do aluno, hoje, a tecnologia tornou esses muros simbólicos ainda mais frágeis. A internet coloca o mundo nas mãos dos estudantes, mas, ao mesmo tempo, pode afastá-los do aprendizado significativo. O desafio da escola contemporânea é integrar as novas tecnologias sem perder de vista a essência do ensino: a formação de cidadãos críticos e autônomos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa encontra amparo em pensadores das áreas de filosofia, sociologia e educação, sendo a maioria contemporâneos e questionadores sobre os novos cotidianos sociais, o mundo e o indivíduo mudaram e, portanto, o aluno dentro do espaço de ensino de agora é diferente, os conteúdos de aprendizado devem ser adaptados, e a prática didática pede inovações. Byung Chul Han e Sevcenko abordam a questão da tecnologia e o impacto nas relações sociais; Zigmunt Baumann discorre acerca da sociedade que se volta para o consumo; Guy Debord contribui com sua avaliação sobre a Sociedade do Espetáculo, onde o uso de imagens conduz o comportamento humano; Paulo Freire, expoente reconhecido mundialmente por suas ponderações no processo de aprendizado, traz a importância da educação e a necessidade do reconhecimento de quem é o aluno; outros autores da área de educação como Moran e Morin oferecem suporte ao pensar sobre educar; Domenico De Masi com suas considerações sobre o benefício do Ócio Criativo; as inferências de Freud sobre o Superego da sociedade que atinge o indivíduo, adoecendo e trazendo sintomas, também são referências teóricas que colaboram para a compreensão da necessidade de ciência dos novos cotidianos sociais e como criar debates, discussões e estratégias, para que a escola possa ser um espaço de florescimento da pessoa.

A tecnologia já está aglutinada em nosso cotidiano, não cabe aqui o lugar, a razão ou o poder para proibi-la, ou censurá-la, o progresso para a maioria é o avanço da técnica, pois assim se torna realizável uma possibilidade infinita de diversas práticas, que favorecem ações, trabalhos e aprendizados, mas como diz Sevcenko 'a técnica não pode abolir a crítica, pela simples razão de que precisa dela, para descortinar novos horizontes' (SEVCENKO, 2001, p. 17) e a crítica aqui recai sobre as novas relações sociais em decorrência da Revolução Tecnológica, e como isso altera os espaços de ensino.

Nem tudo são críticas, quando o assunto é tecnologia e educação, haja visto o ensino a distância, que proporciona conhecimento e formação acadêmica a muitas pessoas. Essa modalidade de estudo, permite o desenvolvimento de vários trabalhos de pesquisa, colaborando para o

desenvolvimento da pessoa. O aluno, que dispõe de internet e computador, consegue desenvolver diversos recursos que contribuí para o seu aprendizado, esse formato ainda tem a característica de protagonismo do aluno, que deve agir sobre os seus meios para aprender.

Reflexões e considerações devem ser feitas sobre como a mentalidade do estudante do século XXI aprende, e tão importante quanto, rever sobre os componentes que devem ser estudados. Se antes, as escolas formavam para o trabalho, hoje ela deve ensinar conceitos e práticas muito além da formação para o mercado profissional. Conceitos esses que envolvem a empatia, a compaixão, a cidadania, e por consequência valores éticos e morais. Hoje, o indivíduo é um cidadão do mundo e deve ter consciência de sua cultura e identidade, como precisa estar ciente da existência da cultura e da identidade do Outro. O mundo polarizado, onde se 'curte' ou não se 'curte', inibe o raciocínio, precisamos de mais reflexão para que haja mais vínculos afetivos com o Outro e uma maior receptividade às diferenças. Essas interações afetivas também devem ser formadas entre professores e alunos, o desejo de aprender surge ou da necessidade ou do vínculo. A promoção de interações entre os alunos, com a escuta para diferentes propostas sobre os mesmos temas, trará reflexão, lógica e respeito.

A escola coloca a tecnologia como meio de dinamizar o espaço de ensino, lhe dá uma atribuição de modernidade e progresso, uma forma de tranquilizar os pais, que buscam garantir hoje, o sucesso no futuro de seus filhos, a sociedade tida como a do desempenho, pede de forma cada vez mais precoce, que o aluno entre nessa espiral de competição com o outro, onde havia a troca entre pares, há agora, concorrentes. Torná-los competidores contribui para o individualismo, dificulta os trabalhos em equipe e traz um sentimento de não pertencimento e solidão, todos elementos presentes dentro dos transtornos psíquicos cada vez mais diagnosticados entre jovens ainda em idade escolar.

Os pais exigem uma educação, onde o filho possa se destacar, e a escola busca atender às expectativas parentais. O resultado é a sociedade do cansaço, que se coloca uma pressão cada vez maior, trazendo ansiedade e desconforto, quando o indivíduo não alcança os seus objetivos, entende como um fracasso seu e não uma concepção errada de escolhas ou exagero de tarefas, o fracasso diminui a autoestima e traz a depressão, ele ainda vai ao limite e pode chegar ao burnout, que é o limite da exaustão extrema, além da fronteira do cansaço físico e mental, uma ausência do Eu, incapacidade de reagir. A sociedade do desempenho, que exige as melhores performances, é o que resulta na sociedade do cansaço (CHUL HAN, 2015).

Cada vez mais pessoas são diagnosticadas com distúrbios psicológicos, como ansiedade, depressão, burnout e TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade). Como esperam conseguir ter foco com tantos distrativos, tantas informações e atividades? Não se diminuem as tarefas, todo indivíduo no século XXI deve ser *multitask*, mas as Neurociências, já confirmaram que não podemos prestar atenção em mais de uma tarefa ao mesmo tempo, o foco atencional vai estar em uma atividade (BEAR; CONNORS; PARADISO, 2017), a outra será realizada de forma automática, e só somos capazes de executá-la em segundo plano, desde que seja algo já aprendido e consolidado; não há como aprender duas novas ações de forma simultânea. Não é o que ocorre na escola, onde sempre existe a possibilidade do aprendizado de algo novo, que pode até se somar a um conhecimento prévio, mas necessita de foco e entendimento para que a memória cognitiva se consolide.

O aumento de transtornos psicológicos citados neste trabalho e outros problemas como a adição em jogos e no uso excessivo de *smartphones*, pede uma colaboração entre profissionais das áreas de saúde e bem-estar psíquico junto aos professores, escolas, alunos e famílias, se demanda uma reflexão e conscientização do uso. O que podemos chamar de uma autocrítica sobre a tecnologia, como ferramenta ou meio de dominação e alienação social.

É preciso compreender a escola como um espaço de interação entre pessoas, antes de qualquer outra função. A tecnologia pode ser um recurso pedagógico, porém em um contexto social cada vez mais automatizado e conectado virtualmente, a escola deve promover relações humanas de trocas cada vez mais significativas. A significação dá sentido e consolidação ao aprendizado. Novos temas devem ser colocados no currículo, diante das novas necessidades que surgem com esse aluno do século XXI. De que adianta ensinarmos as mesmas coisas a um aluno totalmente diferente? Para isso, é preciso ouvir a todos, inclusive o aluno, afinal qual a expectativa que ele tem da escola? Ensino com enfoque no aprendizado deve seduzir o educando, de uma maneira que lhe desperte a vontade do conhecimento.

Moran acredita que as tecnologias chegam de forma mais lenta aos espaços de ensino, principalmente na metodologia. Enquanto os meios se automatizam, o professor cada vez mais deve se tornar um mediador afetivo em sala de aula (MORAN, 2014). Quanto mais máquinas, mais devemos destacar aquilo que é relativo ao humano, a começar pelas interações entre os alunos.

A pedagogia moderna fala sobre o uso de projetos interdisciplinares para a prática de ensino, a interação entre pessoas já passa pelos próprios docentes que deverão conversar, debater e discutir

sobre as melhores formas de expor conteúdos, o que é nuclear em cada componente e que deve ser inserido no projeto, diversas pautas, considerações e muita interação social. Aos alunos, cabe ter a curiosidade aguçada, fazendo pesquisas (tão facilitadas pelo uso tecnológico) debatendo, criando projetos e descobrindo soluções para problemas propostos pelos professores, não apenas entre o próprio grupo de trabalho, mas também agindo e discutindo sobre os trabalhos de outras turmas.

A escola deve passar por uma inovação que inclui as novas tecnologias, mas estas não se encaixam num currículo burocrático e conteudista. As novas possibilidades de ensino incluem o aumento das dimensões de espaço e recursos metodológicos (MORAN, 2014) a educação pode ser um processo mais flexível e personalizado, para isso, o professor precisa ter mais autonomia de atuação sobre o currículo. Sevcenko comenta sobre a Revolução Microeletrônica: ‘...o clímax da aceleração precipitada, sob cuja intensidade extrema relaxamos nosso impulso de reagir, entregando os pontos, entorpecidos, aceitando resignadamente sermos conduzidos até o fim pelo maquinismo titânico’ (SEVCENKO, 2001, p. 16). Não contestamos, não temos tempo, nem disposição, já somos a sociedade do cansaço e da exaustão, espalhamos notícias falsas, não por sabermos que não são verdadeiras, mas por não refletirmos sobre essa avalanche de informações que nos engole todos os dias. ‘Sendo assim, sentindo-nos incapazes de prever, resistir ou entender o rumo que as coisas tomam, tendemos a adotar a tradicional estratégia de relaxar e gozar’ (SEVCENKO, 2001, p. 17). Em tempo de alta tecnologia, com a falsa sensação de livre arbítrio se escolhe viver no piloto automático.

Nem todo movimento positivo carrega consigo o progresso, de forma contrária, pode inclusive, ir contra isso, é preciso romper com algumas tradições educacionais do passado patriarcal, para que se possa avançar para o futuro. A educação brasileira ainda opera com o peso de um ensino hierarquizante, mas a educação não é linear, ela se manifesta de formas e em tempos diferentes de uma criança para outra. Em uma sociedade que opera informações e opiniões por imagem, o ensino deve permitir a manipulação de objetos concretos, para compreensão e desenvolvimento de novas formas de pensar sobre um mesmo tema. Problemas da sociedade atual devem fazer parte dos trabalhos escolares, isso desperta conscientização. Objetos concretos podem ser construídos como soluções para problemas, uso de maquetes, representações, ou mesmo elaboração de obras de arte, que produzam projeção acerca de temas trabalhados com a classe.

Nem tudo da educação tradicional deve ser desconsiderado, muito precisa ser apenas adaptado.

A tecnologia pode contribuir para a exposição de um assunto, mas nada pode se encerrar apenas com a exposição simbólica, é necessário a instigação, provocações que chamem a atenção do interesse e raciocínio dos alunos. Ao professor, parece ser atribuído um saber superior, que o fará ter a atenção da classe, mas em uma mesma turma existem vários tipos de histórias pessoais, o trabalho do docente é árduo, mas sua formação contínua deve lhe proporcionar novos saberes, técnicas e recursos para novas abordagens sobre os velhos temas e a percepção das novas demandas dos alunos.

O pensamento abstrato é o coração das ciências humanas, e deve ser estimulado ainda mais do que antes, colaborando para uma reflexão, alterando sempre a perspectiva de mundo, porque o ser humano é um resultado das experiências que tem, se o conhecimento científico sempre tão exato e compreendido como verdadeiro, é passível de revisão, que dirá o pensamento de um ser humano em formação, como é o aluno. É preciso que lhe deem as oportunidades de rever suas decisões, alterando, corrigindo, protagonizando sobre o seu aprendizado. Portanto, mais do que a nota da prova, é importante que este aluno aprenda o que errou, tendo a possibilidade de produzir algo a partir do seu erro. Um projeto deve ter a data de entrega, mas durante o percurso cabe ao professor orientar e possibilitar que o aluno faça adaptações, a fim de que consiga obter o melhor resultado, não sendo compreendido o resultado apenas como uma questão de nota, mas sim, o melhor trabalho que o aluno conseguir entregar.

Nesse mundo que nos remete ao filme *Metrópolis* (1927), dirigido por Fritz Lang, com a licença para trocarmos aqui a exaustão e cansaço dos operários da fábrica, pela fadiga e alienação dos alunos, que cada vez mais se envolvem em tarefas e atividades extras, com a previsão de serem competitivos e bem-sucedidos no futuro, cabe ao professor manter a relação humana e o afeto, já tão urgentes desde antes, e muito mais necessários agora.

Se a escola é, como dito neste trabalho, o local para as trocas sociais, e se o professor é o mediador entre ensino e aprendizado, deve ser nela, com o olhar afetivo do professor que o aluno deve se desprender dos vieses algorítmicos, capacitando-se para uma consciência crítica e autônoma, sendo o espaço de ensino um facilitador para o desenvolvimento pleno do indivíduo e suas potencialidades.

Ao final do século XX, Domenico De Masi em seu livro: *O Ócio criativo* (DEMASI, 2000), apresenta-nos todas as oportunidades que podem surgir diante do ócio, grandes descobertas foram feitas ao acaso, durante o tempo livre, como Isaac Newton descansando embaixo de uma árvore, quando a

maçã cai e ele introduz ao mundo a lei da gravidade. É necessário um tempo de contemplação e de descanso para que ideias incríveis possam surgir e mais do que isso, para que o indivíduo possa se conhecer, a individuação é o conhecimento de si, já o individualismo é a centralização em si mesmo. O aluno em sala de aula, se dispersa, é preciso motivá-lo; ao professor é preciso dar suporte e autonomia.

Somos um produto de nossa cultura e herança social, mas podemos agir sobre elas, somos ainda aquilo que vivenciamos, nossas experiências de vida deixam traços em nossa personalidade e na maneira como interagimos com o mundo. Há que se ter o cuidado para não sermos apenas os expectadores, na sociedade do espetáculo, interagimos cada vez menos com o outro e apenas recebemos as diversas informações que chegam pelos *smartphones*, observamos sim, mas sem pensar sobre as imagens que nos chegam. E como precisamos pensar! O homem é um animal racional, é um ser social, precisamos pensar, para agirmos, para compreendermos o outro e termos uma consciência própria. De acordo com as pesquisas em Neurociências, todo o cérebro interage quando temos uma ideia criativa. Talvez, se possa reproduzir em sala a ideia do cérebro, colocando todos para trabalhar de forma a chegar num resultado criativo e eficiente para todo o grupo.

Se temos a tecnologia de agora, como uma forma de progresso, temos no uso excessivo e descoordenado dela, a nossa tragédia. Walter Benjamin alerta para como as catástrofes trazem o progresso, e estes por sua vez, resultam em novas catástrofes. (LOWY, 2002). O ser humano nunca esteve tão próximo de todo o conhecimento e pensamento acadêmico, mas nunca agiu tão pouco sobre ele. Somos como o espelho, apenas refletimos imagens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BEAR, F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A. **Neurociências: desvendando o Sistema nervoso**. Trad. Carla Dalmaz. 4. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.
- DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. 2. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2000.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do Espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. São Paulo: Editora Contraponto, 2007.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 18ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na civilização**. Ed. Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996.

HAN, Byung Chul. **A sociedade do cansaço**. Trad. Ênio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HAN, Byung Chul. **No exame: perspectivas do digital**. Trad. Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HAN, Byung Chul. **Sociedade paliativa: a dor hoje**. Trad. Lucas Machado. 1. Ed. São Paulo, SP: Vozes, 2020.

HAN, Byung Chul. **Topologia da Violência**. Trad. Ênio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LOWY, Michael. **A filosofia da história de Walter Benjamin**. Ago 2002. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (USP). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142002000200013>. Acesso em: 25.10.2024.

MATTOS, C. L. G. **O conselho de classe e a construção do fracasso na escola**. Pesquisa, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000200005>. Acesso em: 11.10.2024.

**METROPOLIS**. Direção: Fritz Lang. Produção: Erich Pommer. Alemanha: Libreflix, 1927. (2h33m).

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 1. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2022. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 20.09.2024.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 1. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 20.09.2024.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 1. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2014.

MYERS, David G.; DE WALL, C. Nathan. **Psicologia**. Trad. Cristiana de A. Serra, Luiz C. Q. de Faria. 11. Ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2020.

PINKER, Steven. **Os anjos bons da nossa natureza**. 1.ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TAILLE, Yves de La; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vigotski, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 28. ed. São Paulo, SP: Summus, 2019. *E-book*. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 19 mar. 2025.